

As origens da burguesia industrial e o tipo de evolução capitalista do nordeste catarinense (uma nota crítica)¹

Marcos Aurélio da Silva²

“...e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais”. (*Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas*)

Os estudos acerca do desenvolvimento do nordeste catarinense (e mesmo de todo o estado de Santa Catarina) têm comumente se fixado em duas teses quando se trata da origem do processo de industrialização e, por extensão, das origens da burguesia e do capital industrial. São elas: 1) a tese da gênese industrial como obra dos elementos ligados ao capital comercial; 2) a tese dos empreendimentos schumpeterianos.

Na primeira assertiva o destaque cabe inteiramente ao papel desempenhado pela figura do vendista e seus vínculos com o comércio export-import. Ao estabelecer o contato comercial da economia colonial de subsistência, expropriando, pois, os

¹ Este artigo, com algumas modificações, é parte integrante da dissertação de Mestrado que o autor defendeu em agosto de 1997 junto ao Departamento de Geografia da FFLCH-USP, sob o título “**A Indústria de Equipamento Elétrico do Nordeste Catarinense: Um Estudo de Geografia Industrial**”.

² Professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina

excedentes agrícolas dos colonos que iam se tornando empobrecidos, este elemento teria sido o responsável pela introdução do capitalismo e da atividade industrial na região³. Além disso, a ênfase nos vínculos com o comércio exterior e o papel de destaque conferido à expropriação do excedente dos colonos serve à aceitação de uma interpretação de desenvolvimento regional do tipo “estruturas econômico-espaciais periféricas ou satelizadas”⁴, como a que se encontra nas abordagens de A.G. Frank⁵.

Buscando um distanciamento crítico frente à assertiva “do capital comercial” (sobretudo à idéia que destaca os vínculos com o comércio de importação e exportação como fundamentais ao processo), a segunda tese refere-se a uma “industrialização determinada por mercado e recursos gerados dentro da economia regional”⁶. Todavia, apoiando-se nos argumentos do economista austríaco J. A. Schumpeter acerca das origens dos capitalistas industriais⁷, entende “como peça-chave no processo a tradição da mão-de-obra européia e a liderança de empreendedores de

³ Vide os trabalhos de SANTA CATARINA, Centro de Assistência Gerencial de. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina; estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: CEAG/SC, 1980, p.71 e MICHELS, Ido L. *Uma crítica à economia política catarinense*. Campina Grande: UFPB. (Dissertação de Mestrado), 1993, p.172.

⁴ Vide SANTA CATARINA, Centro de..., op. cit., pp. 23-4-5, 42-3 e 64; MICHELS, Ido L. *Uma crítica à economia...*, op. cit., p. 76.

⁵ Vide FRANK, Andrew G. *Desenvolvimento do subdesenvolvimento latino-americano. Urbanização e subdesenvolvimento*. PEREIRA, Luiz (Org.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, pp. 25-38

⁶ HERING, Maria L. R. *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Editora da FURB, 1987, p. 180.

⁷ Segundo Schumpeter, “Em nove casos em dez, uma inteligência e uma energia acima do normal são as responsáveis pelo êxito industrial e, em particular, pela fundação de posições industriais”. SCHUMPETER, Joseph A. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Trad. Sérgio G. de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984, p. 33.

mentalidade industrial”⁸. Outrossim, aduzindo traços como o predomínio da pequena e média empresa, a solidez financeira dos negócios e a equidade da distribuição espacial, conclui pela existência de uma “especificidade do desenvolvimento de Santa Catarina... (um) modelo econômico catarinense...”⁹.

Apresentadas em regra como as únicas alternativas existentes, logrando-se, no máximo, operar uma combinação entre uma e outra abordagem¹⁰, a literatura pertinente termina, porém, por não explorar as deficiências de fundo, tanto teóricas quanto empíricas, presentes nas duas proposições.

Estudos recentes apoiados em bases empíricas têm demonstrado que, na fundação de posições industriais, a participação do capital comercial, e sobretudo aquele de grande porte (ligado ao comércio de importação e exportação), foi nitidamente inexpressiva na região do nordeste catarinense. Em Joinville os elementos que formam a burguesia industrial “não são os mesmos do comércio e beneficiamento da erva-mate...”: na maior parte dos casos sua origem está “ligada aos artesãos, aos empregados que abrem um negócio (mão-de-obra qualificada) e, eventualmente,...(a)os comerciantes do sistema colônia-venda”¹¹; no pólo moveleiro de São Bento do Sul é absolutamente preponderante a presença “das iniciativas locais com base nas... pequenas...

⁸ HERING, Maria L.R. *Colonização e indústria...*, op. cit., p.180

⁹ Id. Ib., pp.180-1.

¹⁰ Alguns trabalhos apresentam a questão da seguinte forma: “não resta dúvida de que este componente (o empreendedor schumpeteriano) contribuiu para a formação da indústria catarinense. Mas só isto não basta: ...Na gênese do capital industrial catarinense, tem sido comprovado o valor do comércio de importação e exportação e tem-se destacado o sistema de venda, ...” BOSSLE, Ondina P. *História da industrialização catarinense: das origens à integração no desenvolvimento brasileiro*. 2.ed. Florianópolis: CNI/FIESC, 1988, p. 35. Parênteses acrescentados.

¹¹ ROCHA, Isa de O. *Industrialização de Joinville (SC): da gênese às exportações*. Florianópolis: UFSC/Geociências. (Dissertação de mestrado), 1994, pp. 44-5.

marcenarias de fundo de quintal, com... investimentos de capitais modestos”¹².

Com efeito, esses estudos estão, pois, confirmando, para toda a região, as conclusões feitas por Mamigonian para Blumenau; cidade onde “Em 60% dos casos, as iniciativas industriais tiveram por origem uma mão-de-obra especializada, mestres, operários qualificados e artesãos”—, ou ainda, no caso da participação dos elementos ligados ao comércio, predominaram não os grandes comerciantes, mas “representantes comerciais, quadros de escritório ou mesmo pequenos comerciantes varejistas”¹³. Aliás, por oposição à tese “do capital comercial”, que de maneira algo reducionista vê apenas a expropriação do excedente dos colonos pelos comerciantes mais importantes, pode-se ler, nesse trabalho, também, que o excedente do sistema de venda “foi dividido (não só) entre os comerciantes de exportação e importação (mas também entre) diferentes comerciantes varejistas, colonos abastados e artesãos...”¹⁴.

Mas as evidências em favor das origens da burguesia a partir dos pequenos negócios (artesanais, comerciais e agrícolas) de maneira alguma significam que a idéia schumpeteriana da energia ou mentalidade industrial acima do normal seja adequada assim tão prontamente. Nosso entendimento é o de que, “menos que qualquer outro, o... ponto de vista, que enfoca o desenvolvimento da

¹² KAESEMODEL, Maria S. M. **A indústria moveleira em São Bento do Sul-SC**. Florianópolis: UFSC/Geociências. (Dissertação de mestrado), 1990, p. 49

¹³ MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia (separata)**. Ano 27, nº 3. Rio de Janeiro, 1965, pp. 77-8. Note-se que também em Brusque são os comerciantes menos importantes (C. Renaux e Buettner) e não os grandes capitais comerciais (os atacadistas J. Bauer e G. Krieger) que levam à frente a atividade industrial. MAMIGONIAN, Armen. A indústria em Brusque (Santa Catarina) e suas conseqüências na vida urbana. **Boletim Carioca de Geografia**, nº 13, Rio de Janeiro, 1960, p. 64.

¹⁴ MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico..., op. cit., p. 72. Parênteses acrescentados.

formação econômica da sociedade como um processo histórico-natural, pode tornar o indivíduo responsável por relações das quais ele é, socialmente, uma criatura...”¹⁵.

Destarte, para compreender corretamente a questão é preciso partir dos grandes tipos de formação econômico-social que historicamente estiveram na base da evolução capitalista e das origens da burguesia nas mais diversas regiões do planeta.

Seguindo as formulações de Lênin a esse respeito, podemos dizer que as formas de transição se agrupam segundo dois grandes tipos, cuja concentração geográfica numa ou noutra área define, pois, formações regionais individualizadas por diferentes histórias de acumulação capitalista. Com efeito, o processo pode se fazer segundo uma via prussiana, onde a grande fazenda latifundiária “se transforma numa fazenda burguesa, Jünker, condenando os camponeses a decênios inteiros... (de) expropriação e... jugo..”; mas também conforme o tipo norte-americano, marcado pelo predomínio do “camponês, que passa a ser o agente exclusivo da agricultura e vai evoluindo até converter-se no granjeiro capitalista”¹⁶. Trata-se, neste segundo caso, como se referiu Marx, da via realmente revolucionária de transição, onde os capitalistas, ao contrário de emergirem das fileiras dos comerciantes e intermediários— aliás parasitas das relações pré-capitalistas como o modelo prussiano—, são “oriundos das fileiras dos produtores”; nascidos por efeito de “alguma acumulação de capital no interior do próprio pequeno modo de produção”¹⁷.

¹⁵ MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Vol.1. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 19.

¹⁶ LÊNIN, Vladimir I. **O programa agrário da social-democracia na primeira revolução russa de 1905-1907**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1954, pp. 33-4.

¹⁷ Vide a respeito DOBB, Maurice. **Do feudalismo para o capitalismo. A transição do feudalismo para o capitalismo**. 4. ed. Trad. Isabel Didonnet. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, pp. 166-7. Vale destacar que muito embora referindo-se à Europa Ocidental, o autor não deixa

Ora, é por demais evidente que, de maneira geral, a história brasileira, marcada por vários séculos de trabalho compulsório e estrutura latifundiária jamais liquidada por uma revolução agrária — como requer a via norte-americana—, seguiu tipicamente um modelo prussiano de desenvolvimento capitalista¹⁸. Todavia, seria uma simplificação insistir que esse processo se tenha realizado sem nenhuma imbricação com relações econômico-sociais mais complexas. Numa palavra, as zonas de pequena produção mercantil que vão se formar a partir da segunda metade do século XIX em áreas como o planalto paulista, o nordeste catarinense e cidades como Caxias do Sul e São Leopoldo (esta a partir de 1823) no Rio Grande do Sul, vêm demonstrar nitidamente a presença no território brasileiro de importantes manchas de uma formação de tipo clássica ou norte-americana¹⁹, onde, pois, se pôde observar, como costuma ocorrer, um “mais rápido, amplo e livre... desenvolvimento do capitalismo,... mais alto nível de vida da população,... mais extenso... mercado interno...”²⁰. Daí a formação de economias não satelizadas, mas de poderosa dinâmica interna, bem como, a presença de tantos capitalistas de tipo *self made men* nestas áreas. Mas daí, também, como destacou a crítica de A. Mamigonian, a inadequação de se falar em um modelo catarinense de desenvolvimento e do apelo à interpretação schumpeteriana, pois que este tipo de capitalista e as estruturas econômicas que lhes correspondem, fulgentes na formações de pequena produção, praticamente inexistem naquelas marcadas por uma sólida história latifundiária e de trabalho compulsório (a Campanha Gaúcha ou os Campos de Lages, em Santa Catarina)²¹.

de notar que esse é um processo “presenciando em várias épocas em lugares muito espalhados do mundo...”Id. Ib.

¹⁸ Vide a respeito COUTINHO, Carlos N. Uma via ‘não clássica’ para o capitalismo. **História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior**. D’INCAO, Maria A. (Org.). São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989.

¹⁹ Vide MAMIGONIAN, Armen. **Indústria. Atlas de Santa Catarina**. Florianópolis: GAPLAN, 1986, p. 104.

²⁰ LÊNIN, Vladimir I. **O programa agrário...**, op. cit., p. 35.

²¹ Vide MAMIGONIAN, Armen. **Indústria...**, op. cit., p. 104.

Os empresários do setor de equipamento elétrico por nós estudados correspondem bem ao padrão aqui traçado de capitalistas oriundos de baixo (das fileiras dos produtores diretos) com grandes possibilidades de ascensão no interior de uma economia pujante. Eles não raro herdaram habilidades profissionais da família, que posteriormente aperfeiçoadas no trabalho como operários para diversas indústrias regionais, permitiram o estabelecimento de pequenas oficinas que as economias de aglomeração local fizeram crescer. Estão neste caso os exemplos de Werner Voigt, Geraldo Werninghaus (grupo Weg-Jaraguá do Sul) e Heinz R. Kohlbach (Kohlbach Motores-Jaraguá do Sul), mas de alguma forma se pode dizer o mesmo para o caso de Eggon J. da Silva (Weg), filho de um professor que teve um rico aprendizado como empregado de serviços administrativos (o exemplo dos quadros de escritório) na economia urbana local (trabalhou em cartório e agência bancária) até ingressar como sócio-gerente da pequena firma de escapamentos de João Wiest²². Aliás, mesmo quando a atividade comercial se faz mais presente na origem do capitalista, o processo mesmo não apresenta grandes diferenças: os irmãos Bogo (Transformadores Mega-Blumenau) trabalharam com o pai na rizicultura (a pequena agricultura familiar) para depois se tomarem caminhoneiros que comerciavam produtos agrícolas entre São Paulo e o Vale do Itajaí; a firma comercial Walter Schmidt (base da Waltec Eletro-eletrônica-Blumenau) teve todo o seu processo de expansão ligado ao nome de Rudi Nebelung, um imigrante alemão que entre 1928-30 trabalhou no setor de vendas (o caso dos representantes comerciais) de óleo lubrificante da Anglo Mexican Petroleum (hoje Shell)²³.

A conservação dessas origens clássicas do empresariado e das iniciativas industriais, que atravessa toda a história da economia

²² Vide KOHLBACH S/A, **De pequena oficina à grande empresa**. Jaraguá do Sul: Kohlbach S/A, 1988; TERNES, Apolinário. **História da Weg (25 anos)**. Jaraguá do Sul: Weg S/A, 1986.

²³ Conforme entrevistas realizadas nas firmas. Vale ilustrar que Rudi Nebelung ingressa na firma Walter Schmidt por ter casado com a filha do proprietário, também um imigrante alemão.

regional, remete, por certo, aos casos de industrialização dispersa ou descentralizada crescentemente em evidência no mundo — como a Terceira Itália, as áreas do Baden-Württemberg, na Alemanha, o Cholet e outros, na França. Trata-se de regiões industriais marcadas por “uma continuidade histórica na estrutura social em que a tradição artesanal... não foi destruída pelo taylorismo”; em que a permanência do “papel essencial desenvolvido pela unidade familiar na construção de uma malha de relações não mercantis, de reciprocidade...”²⁴ — importante por exemplo na “criação de empresas e negócios” que assim “são feitos entre membros da mesma família,... famílias aliadas ou...conhecidos de longa data”²⁵ (casos Weg e Transformadores Mega) — permite dizer que “o mercado e a grande indústria não desmanchou... todas as relações sociais pretéritas”(Marx)²⁶.

É preciso atentar, porém, que a caracterização acima não quer significar que estejamos diante de um sistema equânime de pequenas e médias empresas como costumam assinalar as míticas abordagens do tipo *small is beautiful*²⁷. O que existe, sim, é a projeção sobre o presente de uma estrutura artesanal-familiar que

²⁴ MEDEIROS, Carlos A. de. **Reestruturação industrial e conflito distributivo na economia italiana**. Rio de Janeiro: UFRJ/IEI, 1989, p. 34.

²⁵ COURLET, Claude. **Novas dinâmicas de desenvolvimento e sistemas industriais localizados (SIL)**. **Ensaio FEE**. Porto Alegre. Vol. 14, nº1, 1993, p. 15.

²⁶ MEDEIROS, Carlos A. de. **Reestruturação industrial e...**, op. cit., p. 34

²⁷ Além do trabalho de HERING, Maria L. R. **Colonização e indústria...**, op. cit., tendem para essa abordagem os artigos de RAUD, Cécile. **Potencial e modalidades da industrialização difusa no Brasil**. **Geosul**, nº 19/20, Florianópolis: Editora da UFSC, 1995 e (com menor ênfase) STORPER, Michael. **A industrialização e a questão regional no Terceiro Mundo (Lições do pós-imperialismo; perspectivas do pós-fordismo)**. **Reestruturação urbana: tendências e desafios**. VALLADARES, Lícia & PRETECEILLE, Edmond (Coord.). São Paulo: Nobel; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1990.

convive com importantes movimentos de concentração e centralização de capital responsáveis pela formação de grandes grupos econômicos que atuam, mesmo, a partir da lógica da economia de escala²⁸; processo aliás que se faz imbricado a uma ativa participação do Estado central (nos anos mais recentes!), denotando, pois, um prolongamento sobre as áreas de pequena produção (suas instituições, etc.), das características do desenvolvimento tardio e prussiano do capitalismo brasileiro.

Bibliografia

- BOSSLE, Ondina. História da industrialização catarinense: das origens à integração no desenvolvimento brasileiro. 2ed. Florianópolis: CNI/FIESC, 1988.**
- COURLET, Claude. Novas dinâmicas de desenvolvimento e sistemas industriais localizados (SIL). Ensaios FEE. Porto Alegre. Vol. 1, nº 14, 1993.**
- COUTINHO, Carlos N. Uma via “não clássica” para o capitalismo. História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior. D'INCAO, Maria A. (org.). São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989.**
- DOBB, Maurice. Do Feudalismo para o Capitalismo. A transição do Feudalismo para o Capitalismo. Trad. Isabel Didonnet. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.**
- FRANK, Andrew G. Desenvolvimento do subdesenvolvimento latino-americano. Urbanização e subdesenvolvimento. PEREIRA, Luiz (org.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.**
- HERING, Maria L. R. Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Editora da FURB, 1987.**

²⁸ O que certamente constitui uma diferença importante frente a Terceira Itália, onde a escala está antes no território (leia-se rede de empresas) do que no interior das firmas.

- KAESEMODEL, Maria S. M. A indústria moveleira em São Bento do Sul -SC. Florianópolis: UFSC/Geociências. (Dissertação de Mestrado), 1990.**
- KOHLBACH S/A. De pequena oficina à grande empresa. 1988.**
- LÊNIN, Vladimir I. O programa agrário da social-democracia na primeira revolução russa de 1905-1907. Trad. port. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1954.**
- MAMIGONIAN, Armen. A indústria em Brusque (Santa Catarina) e suas conseqüências na vida urbana. Boletim Carioca de Geografia. Rio de Janeiro, nº 13, 1960.**
- _____. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia (Separata). Ano 27, nº 3 Rio de Janeiro, 1965.**
- _____. **Industria. Atlas de Santa Catarina. Florianópolis: GAPLAN, 1986.**
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Vol. 1. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.**
- MEDEIROS, Carlos A. de. Reestruturação industrial e conflito distributivo na economia italiana. Rio de Janeiro: IEI/UFRJ, 1989.**
- MICHELS, Ido L. Uma crítica à economia política catarinense. Campina Grande: UFPB/Economia. (Dissertação de Mestrado), 1993.**
- RAUD, Cécile. Potencial e modalidades da industrialização difusa no Brasil. Geosul, nº 19/20. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.**
- ROCHA, Isa de O. Industrialização de Joinville (SC): da gênese às exportações. Florianópolis: UFSC/Geociências. (Dissertação de Mestrado), 1994.**
- SANTA CATARINA, Centro de Assistência Gerencial de. Evolução histórico - econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII - 1960). Florianópolis: CEAG/SC, 1980.**

- SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Trad. Sérgio G. de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- STORPER, Michael. A industrialização e a questão regional no Terceiro Mundo (Lições do pós - imperialismo; perspectivas do pós-fordismo). **Reestruturação urbana: tendências e desafios**. VALLADARES, Licia e PRETECEILLE, Edmond (coord.). São Paulo: Nobel; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1990.
- TERNES, Apolinário **História da Weg (25 anos)**. Jaraguá do Sul: Weg S/A., 1986.